

O modelo educacional Bilíngüe no INES.

Lorena Kozlowski¹
ldc.kozlowski@umontreal.ca

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar o modelo educacional Bilíngüe proposto para o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) pela consultoria da Prof^a Dr^a Lorena Kozlowski à partir de 1999.

São apresentados os percursos realizados até 2001 e como vem sendo realizada a implementação deste processo educacional através do SEDIN (Serviço de Educação Infantil) e DIFON (Divisão de Fonoaudiologia).

A proposta baseia-se na L1 LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e L2 Língua oral/escrita.

Pretende-se expandir esta consultoria para os demais níveis educacionais do INES.

Abstract

The objective of this work is to present the bilingual education

model proposed for INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) for the consultancy of Professor Lorena Kozlowski, PhD, the starting from 1999.

The courses presented were accomplished by 2001 and the implementation of this educational process has been accomplished through SEDIN (Serviço de Educação Infantil) and DIFON (Divisão de Fonoaudiologia)

The proposal bases on L1 LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) and L2 oral/written Language.

The intention is to expand this consultation for INES on other educational levels.

○ INES em 1999 iniciou um processo de revisão de seu modelo educacional aplicado até então. Iniciou-se no princípio deste mesmo ano, um curso que tinha como objetivo o estudo do modelo educacional Bilíngüe.

Foi dado início então, a um curso com duração de oito horas mensais, ministrado a todos os professores e técnicos do INES. O objetivo era realizar um nivelamento de todos os profissionais da instituição quanto ao conhecimento do que vinha a ser este novo modelo educacional proposto e ainda bastante desconhecido no Brasil: o Bilingüismo para o surdo.

Durante o ano foram então abordados os seguintes temas:

- Aspectos neurolingüísticos da língua oral e gestual;
- Modelos educacionais orais, gestuais e mistos na educação do surdo;
- O modelo Bilíngüe nas suas modalidades L1 Língua de Sinais e L2 Língua oral e/ou escrita;
- Diferentes abordagens da L2: escrita e oral;
- Discussão de casos clínicos.

Após a conclusão deste nivelamento, deu-se início no ano de 2000, à consultoria propriamente

¹ Prof^a. do Mestrado em Distúrbios da Comunicação da Universidade do Tuiuti do Paraná. Prof^a. convidada do Mestrado em Fonoaudiologia na Universidade de Montreal, Canadá. Consultora do INES.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

dita, consultoria esta sob a responsabilidade da Prof^a Dr^a Lorena Kozlowski, cujo objetivo era implantar no INES o modelo educacional Bilíngüe onde a L2 seria a Língua oral/escrita. Esta consultoria está em continuidade.

A opção por este modelo educacional deu-se pelo fato de que o INES reconhece a importância da Língua oral na comunidade brasileira, que não apresenta ainda estrutura para receber um surdo adulto, tanto no sistema educacional regular como na inserção profissional, sem um nível mínimo de oralidade.

Falamos aqui de ORALIDADE e não ORALISMO, pois a oralidade pode ser compreendida por exemplo, como a capacidade de fazer leitura labial. Não nos referimos aqui à oralização escravagista do surdo, como o modelo oral puro apresentou durante um século.

A Proposta Bilíngüe não privilegia uma língua, mas quer dar direito e condições ao indivíduo surdo de poder utilizar duas línguas; portanto, não se trata de negação mas de respeito; o indivíduo escolherá a língua que irá utilizar em cada situação lingüística em que se encontrar. Esta proposta leva em consideração as características dos próprios surdos, incluindo a opinião dos surdos adultos com relação ao processo educacional da criança surda (Kozlowski, 1998).

"Falar em Bilingüismo no campo da educação dos surdos é fazer referência a algo muito con-

creto, e algo sem controvérsias à luz dos conhecimentos atuais da lingüística: a existência de duas línguas ao redor dos surdos. Dito de outra forma, o Bilingüismo reconhece que o surdo vive numa situação bilíngüe " (Sanchez, 1991).

dência para a educação bilíngüe/bicultural da criança surda, na qual a língua de sinais é considerada a primeira língua da criança surda e a língua oral (na sua modalidade oral e/ou escrita) a segunda língua.

O surdo adulto no momento que estabelece contato com a criança surda, estará transmitindo toda a base lingüística necessária para a aquisição de outras "línguas".

Podemos definir o Bilingüismo como um enfoque educacional que possui como princípio de base o fato de que as crianças surdas são locutoras naturais de uma língua adaptada às suas experiências do mundo e às suas capacidades de expressão e compreensão: a língua de sinais (Kozlowski, 2000).

Ela possui o conjunto de características das línguas naturais e permite o conjunto de funções destinadas à todas as línguas. Ela deve portanto, ser considerada como língua "primeira".

Ela estrutura o enunciado da criança, a construção generativa de seu pensamento e a expressão de sua personalidade (Virole, 1996).

Quando falamos de Bilingüismo do surdo, estamos nos referindo à língua oral da comunidade ouvinte (no caso do Brasil, o português) e à língua de sinais da comunidade surda (A Língua Brasileira de Sinais-Libras).

As pesquisas recentes no campo da educação do surdo (Drasgow, 1993) mostram a ten-

A participação ativa de adultos surdos na educação da criança surda é fundamental.

Ele terá a função de transmitir a língua da comunidade surda, a língua de sinais.

Desta forma, através do aprendizado da língua natural, que deve ser também a língua materna, a criança surda terá acesso aos processos que permitirão todo seu desenvolvimento lingüístico e cognitivo. O surdo adulto no momento que estabelece contato com a criança surda, estará transmitindo toda a base lingüística necessária para a aquisição de outras "línguas"

A linguagem estará desta forma, garantida. A linguagem é aprendida, mas não pode ser ensinada. Portanto, este contato precoce adulto surdo X criança surda, através de uma língua de sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem. Desta forma, estará também assegurada a identidade e cultura surda, que serão transmitidas naturalmente à criança

surda pelo adulto surdo em questão (Kozłowski, 1995).

Muitas vezes, a criança surda adquire a língua oral em função da sociedade em que vive e isso pode ocorrer de diversas maneiras (educação oral, bimodalidade etc.), e muitos só adquirem uma forma imperfeita desta língua, mas podem ser considerados bilíngües mesmo não possuindo o domínio das duas línguas que praticam. Por razões pedagógicas e culturais se justifica que, dentro de contextos educativos para crianças surdas, seja reconhecida esta situação bilíngüe (Davies, 1991; Grosjean, 1992; citados por Lepot-Froment, 1996).

Cuxac (1994, citado por Lepot-Froment, 1996) relata a característica atípica da situação de Bilíngüismo experienciada pela grande maioria das crianças surdas. Em realidade, 90% são filhos de pais ouvintes, e na maioria dos casos encontram a língua de sinais como segunda língua mais freqüentemente do que primeira língua. A língua de sinais também será para a criança, sempre a língua minoritária e é desprovida de um sistema próprio de escrita. Para poder ler e se exprimir pela escrita, os indivíduos surdos devem portanto, inevitavelmente, se apropriar da forma escrita da língua oral dominante. Esta exigência gera uma forma particular de Bilíngüismo.

O tema Bilíngüismo deve ainda ser muito explorado, em função das raras pesquisas realizadas na área e da grande diversidade de

fatores. Também necessitam ser definidos para as crianças em geral, os critérios mínimos para se poder concluir uma situação real de Bilíngüismo.

O objetivo de uma educação bilíngüe da criança surda é dar-lhe uma situação de desenvolvimento da linguagem dentro de um clima de comunicação efetiva.

A Língua de Sinais permite o restabelecimento desta comunicação efetiva; que é a base para todo o desenvolvimento da linguagem da criança. Em verdade, com a Língua de Sinais partimos daquilo que é positivo na criança: sua capacidade de "falar" através de um modo visual; é através do reconhecimento desta capacidade que lhe será dada a fala vocal. Porém, esta fala vocal é ausente, não será nosso ponto de partida para nossa ação educativa. Vemos a criança surda dentro daquilo que ela é: um ser lingüístico inteiramente e que pode satisfazer todos os seus desejos de sujeito falante através de um modo visual (Kozłowski, 2000).

Restauramos assim, uma situação normal de desenvolvimento de linguagem, segundo a qual é comunicando-se e falando que a criança aprende a se comunicar e a falar.

O objetivo é de dar à criança surda a possibilidade de obter sucesso em suas trocas verbais, com prazer. Tendo a chance de compreender e de se fazer compreender de uma maneira eficaz através da Língua de Sinais, a criança surda descobre o que fazemos quando falamos.

Ela torna-se então, apesar das dificuldades que isto representa à ela, de realizar trocas verbais na língua oral, a qual ele não pode perceber nem produzir que de uma maneira deficiente, mas a qual ele compreende o uso. Trata-se claramente da "entrada" em duas línguas que são igualmente valorizadas dentro da educação bilíngüe e da realidade familiar da criança surda (Bouvet, 1989).

Foi iniciado um projeto piloto no ano de 2000, junto ao SEDIN e DIFON, com o objetivo de implantar este modelo Bilíngüe no INES, modelo este que será expandido gradativamente à todo o alunado da instituição.

1 - ATIVIDADES EM L1 (LIBRAS)

As atividades em L1 são desenvolvidas por educadores surdos e têm por objetivo o contato "natural" com LIBRAS. A aquisição desta língua garantiria o desenvolvimento lingüístico suficiente para aquisição de outras línguas.

As estratégias de trabalho são desenvolvidas à partir de dramatização, passeios, contos de história, experiências baseadas em atividades de vida diária.

Não há nenhum aprendizado formal da língua de sinais, já que o objetivo aqui é o desenvolvimento da linguagem e como dito anteriormente a linguagem pode ser "aprendida", mas não pode ser ensinadas. O contato "natural" com a língua é que proporcionará esta aquisição.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

2 - ATIVIDADES EM L2 (LÍNGUA ORAL/ESCRITA)

Virole (1996), afirma que à partir da primeira experiência lingüística através da Língua de Sinais onde a criança utiliza esta língua de maneira adequada porque ela é naturalmente adaptada as suas possibilidades, é possível simultaneamente auxiliar a criança a utilizar suas potencialidades auditivas residuais através da prótese auditiva para uma aprendizagem da fala que é essencialmente pragmática, visando uma melhor integração do futuro adulto surdo no mundo acústico dos ouvintes. A aprendizagem da leitura se realiza através da mediação da língua de sinais.

Os profissionais responsáveis por estas atividades são fonoaudiólogos e professores ouvintes e o objetivo seria a aquisição da segunda língua (oral/escrita).

As estratégias de trabalho incluem: leitura oral-facial, desenvolvimento das habilidades auditivas, trabalho específico com voz, fala e aquisição da língua escrita.

As atividades são orientadas para aquisição de Segunda Língua e considera-se aqui que o desenvolvimento da linguagem é garantido através da L1.

Dentro de uma perspectiva Bilíngüe, o surdo é visto como um indivíduo diferente e não deficiente. Suas potencialidades podem ser totalmente desenvolvidas desde que seus direitos lingüísticos se-

jam respeitados. É deste direito lingüístico que trata o Bilingüísmo.

A língua natural do surdo é a língua gestual, já que todo seu reconhecimento do mundo é através do canal visuo-espacial, diferentemente do ouvinte que estabelece sua visão do mundo através do input auditivo-verbal. Portanto, nada mais natural do que a língua de sinais como sendo também a língua materna do surdo. Desta forma, não nos referimos mais a reeducação do surdo, mas em educação.

Uma visão antropológica da surdez deve substituir a visão clínica que durante décadas não conseguiu oferecer ao surdo seu desenvolvimento pleno.

Porém, uma visão realista é também necessária, já que atualmente a implantação de um modelo bilíngüe no Brasil não é tarefa fácil. Uma tradição oralista na educação dos surdos em nosso país deu origem a indivíduos surdos sub-educados, muitas vezes sem conhecimento da LIBRAS e sem condições de atuar na educação de crianças surdas. A necessidade do oralismo ainda é uma realidade para o surdo brasileiro quando pensamos em educação de nível superior, inserção social e colocação profissional.

Modelos bilíngües são urgentes com uma aplicação prática realista. Não devemos importar modelos de outros países, pois a história deles certamente se difere da nossa. Devemos encontrar "Nos-

so Modelo Bilíngüe" e com ele mudar o perfil da educação do surdo no Brasil (Kozlowski, 2000).

Cabe a nós, ouvintes e surdos, mudarmos a história da educação dos surdos em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUVET, D. (1989). *La parole de l'enfant*. Le Fil Rouge, Puf. Paris.

DRASGOW, E. (1993). Bilingual/Bicultural deaf education: an overview. *Sign Language Studies*. (80): 243-266.

HEILING, K. (1995). Proceedings of the XII World Congress of the WFD, Áustria, 1995.

KOZLOWSKI, L. (1995). O modelo bilíngüe/bicultural na educação do surdo. *Distúrbios da Comunicação*. São Paulo, 7(2):147-156.

KOZLOWSKI, L. (1998). A proposta bilíngüe de educação do surdo. *Revista Espaço*. INES.

KOZLOWSKI, L. (2000). A educação Bilíngüe-bicultural do surdo. *In Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. Lacerda, C., Nakamura, H. e Lima M. org.. Editora Plexus.

LEPOT-FROMENT, C., CLEREBAUT, N. (1996). *L'enfant Sourd*. DeBoeck Université, Bruxelas.

SANCHES, C. (1991). *La educacion de los sordos en un modelo bilíngüe*. Lakonia.